



VI Simpósio Nacional de **HISTÓRIA CULTURAL** Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

CARTOGRAFANDO A MEMÓRIA DE CAMPO MAIOR – PI: UMA ANÁLISE A PARTIR DE SUAS RUAS E AVENIDAS

Jéssica Gadelha Morais^{*}

Domingos Alves de Carvalho Júnior (Orientador)^{**}

1

Campo Maior é uma cidade do Estado do Piauí, está localizado no Meio Norte do Brasil. Criada através de Carta Régia em 19 de Junho de 1761 e instalada um ano depois já com o atual nome. Em 28 de dezembro de 1889 é elevada a categoria de cidade. Nesse período de tempo, de vila à cidade, mesmo que sendo um processo lento e gradual, a cidade passou por transformações na esfera política, econômica e social. Hoje ao completar 250 anos são visíveis as mudanças nos seus aspectos físicos onde muito de seus velhos edifícios já não existem mais, pois atenderam as exigências de modernização e de novos ares. Aquela Campo Maior dos primórdios já não é a mesma mudam-se a estética, os conceitos, os valores e as mentalidades. Nesse processo de metamorfose percebe-se rupturas e permanências, contexto em que os espaços entram como discussão de representação e memória deixando de serem simples espaços de especulação econômica, política ou estratégicas.

^{*} Graduanda do IV bloco do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

^{**} Mestre em Antropologia e Arqueologia e professor da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA.

Para um bom entendimento do tema proposto é preciso que saibam que este trabalho está dentro do que os historiadores chamam de História da cidade, ou seja, refere-se aos processos sociais sendo vista como ligação entre famílias, indivíduos e grupos sociais que buscam ou não a representação dos lugares em que vivem, contrapondo com a história urbana que diz respeito às atividades que se realizam na cidade de forma em geral. As ruas e avenidas alvo da pesquisa, portanto o recorte do espaço, não são instituições de memórias como os arquivos, bibliotecas e museus porque elas não foram construída para essa finalidade, entretanto estão carregados de valores simbólico já que possuem um nome, simbologia essa que só tem efeito se houver a memória de seus homenageados e como eles se inserem na memória da cidade. Tal discussão leva a outra que indaga sobre o que é a memória e as possibilidades de sua abordagem, porém antes de aprofundar essas questões é importante ressaltar o que possibilitou a difusão de suas ruas e avenidas e no decorrer do texto cartografando sua memória.

A IMPORTÂNCIA DO “OURO VERDE” PARA A EXPANSÃO DA CIDADE

Desde sua fundação como vila, a economia respectivamente girou em torno da pecuária, agricultura, extrativismo e do comércio, sendo esta última a principal fonte da economia atualmente. Porém foi na década de 1940 já na condição de cidade que ela viu-se economicamente estável com os rendimentos provenientes da cera de carnaúba¹. No início do século XX devido à herança do período colonial ela ainda é bastante arcaica com quase nenhuma iluminação e ruas sem nenhum tipo de informação, eram desordenadas devido a falta de planejamento. De acordo com o editorial de 24 de Julho de 1971 do Jornal A Luta as ruas totalizavam apenas 17. Graças à “árvore da vida” ou “boi vegetal” ela pode ter sua malha urbana melhorada, nem que para isso pessoas fossem desapropriadas de suas casas sob pena de indenização para que ruas e avenidas fossem alargadas ou até mesmo construídas.

¹ Nome científico *Copernicia Cerífera*. É uma palmeira majestosa de estipe reto, com uma altura média da ordem de 20 metros, podendo atingir em condições favoráveis, porte bem maior, chegando a 40 metros.

De acordo com o discurso proferido na sessão de 19/11/1937 pelo deputado federal Correa Lima essa árvore, de que tudo se aproveita, foi importante não só em Campo Maior, mas em nível de Nordeste, onde segundo os dados da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) no triênio 1768-1900 o Rio Grande do Norte participou com 33,5% da produção de cera, seguido do Ceará, Piauí e Maranhão. O período de prosperidade econômica, entretanto não durou muito, mas foi significativo para o crescimento da cidade. Acontece que não basta apenas criá-las é preciso legitimá-las, o que é feito por meio de nomeações que fica a cargo do chefe do órgão público municipal, uma tarefa que a princípio parece fácil se não fosse o fato delas estarem entre a memória e a história.

OS EFEITOS DO TEMPO SOBRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA

Memória, história: longe de serem sinônimos tomamos consciência que tudo apõe uma à outra. A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e nesse sentido, ela está em permanente evolução aberta a dialética da lembrança e esquecimento, inconsciente de suas de suas deformações sucessiva, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas distâncias e revitalizações. A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do passado

(NORA, 1993, p. 9).

Antes de iniciar qualquer discussão a cerca da memória, é necessário desviar-se de alguns conceitos preestabelecidos e evitar formas de generalização que tornaria prejudicial não só a este trabalho, como também os demais. Percebe-se a partir do texto de Nora, a memória está para além do processo de rememorar, da reminiscência ou lembrança, ela juntamente com a história busca significado de um tempo em que ressurgem junto a ele os espaços. Equivocadamente, esses termos ainda são vistos como palavras sinônimas, o que não é bem verdade, elas possuem suas particularidades, buscam a valorização atual do passado por meio distintos, embora estejam permeados pelo mesmo problema: o esquecimento. A memória, devido aos períodos de transição onde ocorre a perda de consciência de tempos, e também como consequência do que Pollack (1989) chama de memória oficial, quanto à história esse problema está lidado a insuficiência dos documentos produzidos geralmente pelas classes dominantes que voluntariamente deixam as classes dominadas à margem da sociedade.

Como ambas trabalham com o tempo, surge à afirmação de que “tempo, memória, espaço e história caminham juntos inúmeras vezes, através de uma relação tensa de busca de apropriação e reconstrução da memória pela “história” (DELGADO, 2003, p. 9). O tempo com suas múltiplas faces é marcado de continuidades feita de descontinuidades, inovações e rupturas aparentemente abstrato porém, com vivência concreta e de efeito devastador. Através dos anos, décadas, séculos pode-se “sentir” e perceber o que restou dele, e assim procurar conhecer aquilo que não se pode ver, tocar, ouvir ou saborear. Para tentar sobreviver a seus efeitos, a memória ou que sobrou dela se cristaliza e se refugia nos lugares de memória.

Como os efeitos do tempo já não fosse o suficiente, a globalização vem interferir na singularidade dos espaços, vem marcar como a sociedade efêmera, como também alertar que precisa-se buscar nossa identidade. É evidente que é mais fácil, lembrar de algo emoldurado no espaço do que aquilo que está nos limites físicos do corpo, constantemente exposto a ação do tempo. Outro equívoco recorrente é associar silêncio a esquecimento, para Pollack silêncio também é memória, que devido aos sistemas ideológicos vigentes esperam o momento mais adequado para ganharem vozes. A memória não falha ela simplesmente desaparece, ela não se extingue apenas silencia. É importante perceber os interesses, a opressão e os sentimentos de culpa que há por trás delas. Cercada pela trilogia tempo, era da informação e disputa entre memória oficial e dos marginalizados, ela cada vez mais se esfacela. Na tentativa de reconstruir um passado de reavaliar consciências históricas, as “migalhas da memória” devem ser coletadas, selecionadas e sistematizadas, deixando de serem individuais para tornarem-se coletivas.

A RESSIGNIFICAÇÃO DA MEMÓRIA E SUAS ABORDAGENS

A memória aqui discutida não é aquela que refere-se à capacidade de armazenagem e conservação de informações como da antiguidade em que aprender era quase que exclusivamente reter o maior número de afirmações o possível, e sim como elemento dotado de complexidade que pode trazer consigo sentimento, ressentimento e releitura da identidade nacional. Entende-se por memória individual os aspectos ligados à vida particular dos indivíduos, como períodos de infância e da adolescência, mas que

não deixam de serem importantes devido aos aportes históricos na qual estão inseridos o tempo e o espaço que ressurgem junto com a rememoração. Já a coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confundem com elas, nela as experiências individuais são refutadas e só permanece aquilo que se refere ao coletivo, as lembranças construídas socialmente, enfoque do presente trabalho.

De acordo com Le Goff (2003) a memória coletiva ainda se divide em duas: a memória das sociedades sem escrita, ou seja, tradicionalmente oral, a das sociedades com escrita que revolucionou a memória coletiva.

O aparecimento da escrita está ligado a uma profunda transformação da memória coletiva. Desde o “Paleolítico Médio”, aparecem figuras nas quais se propõe ver “mitogramas”, paralelos à “mitologia”, que se desenvolve na ordem verbal. A escrita permite à memória coletiva em duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória. A primeira é a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável. A memória assume, então, a forma de inscrição e suscitou na época moderna uma ciência auxiliar da história, a epigrafia (LE GOFF, 2003, p. 42).

Na transição do individual para o coletivo cuidados devem ser tomados, porque o coletivo assemelha-se ao oficial, onde muitos personagens ficam para trás e são excluídos do caminho da memória. É esse tipo de memória, oficial, que na maioria das vezes se cristaliza no espaço público. Na verdade o público não é o público ou pelo menos não “destina-se” a ele. Nas entrevistas para aferir como os moradores se apropriam ou não da memória da cidade, de seis entrevistados, por unanimidade todos afirmaram que nunca se interessaram em procurar conhecer os homenageados das ruas e avenidas, para os mesmos estes espaços só os interessam para realizarem seus trabalhos ou porque é onde estão situadas suas residências. Para os mesmos o conhecimento ou desconhecimento dos homenageados não modifica significativamente suas vivências no meio em que estão inseridos.

Indiscutivelmente a memória por si só não existe mais, a memória tradicional ou verdadeira, direta, presente nos gestos e hábitos torna-se cada vez mais menos intrínseca, porque se vê ameaçada, esfacelada, pelas rupturas que marcaram o tempo e enterram gerações. Diante destas ameaças ela busca suporte externo. A lembrança da

Batalha do Jenipapo², a única batalha sangrenta em prol da independência do Brasil, não é somente porque ouviu-se de nossos pais “estórias” deste acontecimento, nem por causa da data 13 de março, é sobretudo porque além de uma data e de “estórias” existe um monumento dedicado aos Heróis do Jenipapo. Se a população ocidental sabe quando completa ano é porque se fez uma convenção do tempo que se materializou no calendário, o que não acontece nas sociedades tribais indígenas, onde ainda vivem o tempo mítico. O desaparecimento da memória contribui cada vez mais para a multiplicação dos lugares de memória como arquivos, monumentos e bibliotecas. E quanto às ruas e avenidas? Certamente são espaços, a dúvida é quanto sua representação.

DESCREVENDO A MEMÓRIA DA POPULAÇÃO CAMPO-MAIORENSE

O presente trabalho foi realizado em três etapas com a finalidade de mapear a memória dos moradores e transentes em relação aos homenageados constantes nas ruas e avenidas. A primeira etapa foi buscar a guia de ruas da cidade para conhecer as ruas e avenidas paralelas e perpendiculares a avenida Demerval Lobão, principal avenida da cidade, por se destacar como grande centro comercial e portanto ponto de partida da pesquisa. Nesse primeiro momento foi feito o reconhecimento da área a ser trabalhada e estabelecido um primeiro contato com os possíveis entrevistados. O segundo passo foi feito uma pesquisa bibliográfica com objetivo de compreender o que é a memória, e seus tipos. A terceira foi elaborar um roteiro de entrevistas semi-estruturadas com base em cinco perguntas norteadoras, considerados primordiais para fazer o levantamento de dados para saber como os moradores se apropriam ou não da memória dos homenageados. As informações foram coletadas por seis entrevistados, após assinarem o termo de consentimento, depois de prestarem seus depoimentos orais tiveram suas falas transcritas.

A forma como as perguntas foram conduzidas almejavam identificar o grau de interesse da população em descobrir sobre a história contida na cidade. Dos seis

² Grande acontecimento histórico que ocorreu no município de Campo Maior, no dia 13 de março de 1823, sendo a única batalha sangrenta em prol da independência do Brasil e considerado imprescindível para a consolidação da adesão definitiva do Piauí à independência.

entrevistados merece destaque José Francisco Fontinelle, 59 anos, comerciante que residia há 10 anos na rua, José Ouvidio Bona e trabalha nesse mesmo espaço à 35 anos. Em seu depoimento disse que não conhece o personagem que recebeu a homenagem e nunca se interessou em saber, mas que deve ter sido alguém que se destacou na política. Outro contribuinte para tornar a realização desse trabalho possível é o vigilante e universitário Jean Edson de Moraes, 27 anos, que trabalha à 4 anos na avenida José Paulino e assim como os demais também desconhece os homenageados, apontado sua falta de interesse como algo normal porque as pessoas que buscam conhecê-los só faz em benefício próprio, quando se trata de pesquisas acadêmicas, alegando também o difícil acesso as fontes.

Analisando os depoimentos dos entrevistados percebe-se o distanciamento entre a memória dos homenageados e a dos campo-maiorenses, pois a população não vê as ruas e avenidas como símbolo de pertencimento e expressão de identidade. Essa desapropriação da memória, a partir da análise proposta, torna-se mais perceptiva quando comparadas com a forma pela qual ela se apropria da Batalha do Jenipapo, há aqui uma espécie de identificação com os personagens envolvidos onde os heróis foram homens comuns, que com armas comuns contribuíram para o processo de independência do Brasil. Esse caráter não oficial, não excludente cria um ambiente propício para a criação de vínculo entre os moradores e os Heróis do Jenipapo, permitindo que a memória continue viva, ou seja, o monumento Heróis do Jenipapo como lugar de memória só é possível porque há vontade de memória.

Mesmo um lugar de aparência puramente material, com um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma áurea simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que aparece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material e serve, periodicamente para uma chamada concentrada de lembrança (NORA, 1993, p. 21-22).

A representação de ruas e avenidas, de acordo com a análise dos depoimentos em momento algum esteve investida de áurea simbólica, já que os moradores as vêem como lugares puramente funcionais. O que em geral os moradores acham que sabem sobre os homenageados é que eles foram pessoas ricas e importantes de famílias

tradicionais e somente no momento da entrevista refletiram sobre o assunto porque se comprometeram com o projeto em questão e procuravam satisfazer as expectativas do entrevistador

O presente trabalho conclui que a memória coletiva não implica dizer que é do conhecimento de todos, mas que pode ser legitimada e até mesmo forjada a partir do interesse de uma minoria. Nas pesquisas de campo observou-se que os moradores e transentes não conhecem a origem de seus endereços e não manifestam nenhum interesse em conhecer, exceto os estudantes universitários para realização de trabalhos acadêmicos. Esse comportamento da sociedade diante da memória desses espaços compromete a busca de origens e raízes que deveriam ser construídas socialmente. Nomear e conhecer tornam-se definitivamente práticas distantes, a primeira remetendo a artificialidade enquanto a segunda confere um tom “natural”. Suposições, assim se encontram a memória da população, em que o ressentimento é o principal empecilho da busca de certezas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**. 4ª ed. 6, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5.ed. Campinas SP: Editora Unicamp, 2003.

LIMA, Correa. **Centro de documentação e informação**. Coordenação de publicações Brasília, 1974.

MACIEL, Maria Eunice. Memória e (res) sentimento indagação sobre uma questão sensível. In: Stella BRESCHIAN, Stella; NÁXARA, Márcia. (Org.) Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: A problemática dos lugares. Projeto Histórias. São Paulo, 1993.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

Campo Maior (município). **Jornal A Luta** editorial de 24 de Julho de 1971.

REFERÊNCIAS ORAIS

FONTENELE, José Francisco. **José Francisco Fontenele:** depoimento [abr, 2012]. Entrevistador: Jéssica Gadelha Moraes. Campo Maior. Sonoro. Entrevista concedida ao projeto Cartografando a memória de Campo Maior 26/04/2012.

NASCIMENTO, Antônio Serezo Silva. **Antônio Serezo Silva Nascimento:** depoimento [abr, 2012]. Entrevistador: Jéssica Gadelha Moraes. Campo Maior. Sonoro. Entrevista concedida ao projeto Cartografando a memória de Campo Maior 26/04/2012.

OLIVEIRA, Francisco Rodrigues de. **Francisco Rodrigues de Oliveira:** depoimento [abr, 2012]. Entrevistador: Jéssica Gadelha Moraes. Campo Maior. Sonoro. Entrevista concedida ao projeto Cartografando a memória de Campo Maior 26/04/2012.

BRITO, Jeferson dos Santos. **Jéferson dos Santos Brito:** depoimento [abr, 2012]. Entrevistador: Jéssica Gadelha Moraes. Campo Maior. Sonoro. Entrevista concedida ao projeto Cartografando a memória de Campo Maior 26/04/2012.

MORAIS, Jean Edson de. **Jean Edson de Moraes:** depoimento [abr, 2012]. Entrevistador: Jéssica Gadelha Moraes. Campo Maior. Sonoro. Entrevista concedida ao projeto Cartografando a memória de Campo Maior 26/04/2012.

MONTE, Eunice Gomes. **Eunice Gomes Monte:** depoimento [abr, 2012]. Entrevistador: Jéssica Gadelha Moraes. Campo Maior. Sonoro. Entrevista concedida ao projeto Cartografando a memória de Campo Maior 26/04/2012.